

Der Name des Mannes: a nomeação ficcional e a decadência familiar em “Os Buddenbrook” e “Os Maias”

[The name of the man: the fictional nomination and family decadence in “*The Buddenbrooks*” and “*The Maias*”]

<http://dx.doi.org/10.11606/1982-88372442277>

Amanda Kristensen de Camargo¹

Márcia Sipavicius Seide²

Abstract: The theme of decay in “The Buddenbrooks: decline of a family” is explicit: it materializes as a subtitle of the literary work. In “The Maias”, an essential structure of the previous title is repeated, focusing on a family name. It is known, however, beforehand, that the plot contemplated by the novel by Thomas Mann will run through episodes whose outcome lies in the decaying decay of the generations of the Buddenbrook family, which, although not explicit, is repeated in the work of Eça de Queirós. In order to achieve the desired aesthetic theme, the two authors focus on the generation of fictional families, stripping down social thoughts and roles. Of this stripping, a trait is shown to be shared by almost all personalities: a concern with the perpetuation of the family name; a burden that presages the total extinction of both anthroponyms. In order to demonstrate the relationship of the nomination with the decay thematic, this article proposes a dialogue between Comparative Literature and Fictional Anthroponomics - study of fictional names - and the status of the process of depersonalization composed of the family name to the top of the decay: the social not give birth of the name.

Keywords: The Buddenbrooks: decline of a family; The Maias; Literary onomastic; Fictional anthroponomics; Thematic of decay.

Resumo: A temática da decadência em “Os Buddenbrook”: decadência duma família” é explícita: materializa-se enquanto subtítulo da obra literária. Em “Os Maias”, repete-se a

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Rua Universitária, 1619, Bairro Universitário, Cascavel, PR, 85819-110, Brasil. E-mail: amandakristensen.prof@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7569-1091

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Rua Universitária, 2069, Bairro Universitário, Cascavel, PR, 85819-110, Brasil. E-mail: marciaseda4@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-2859-1749



estrutura essencial do título anterior, focalizando-se um nome de família. Sabe-se, entretanto, de antemão, que o enredo contemplado pelo romance de Thomas Mann perpassará por episódios cujo desfecho está no desnudar decadente das gerações da família Buddenbrook, o que, ainda que não explícito, repete-se na obra de Eça de Queirós. Para concretizar de forma estética a temática pretendida, ambos os autores focalizam cada geração das famílias ficcionais, desnudando dialeticamente pensamentos e papéis sociais. Desse desnudamento, um traço se mostra compartilhado por quase todas as personalidades: a preocupação para com a perpetuação do nome da família; fardo que pressagia a total extinção de ambos os antropônimos. A fim de demonstrar a relação da nomeação com a temática da decadência familiar, este artigo propõe um diálogo entre a Literatura Comparada e a Antroponomástica Ficcional – estudo dos nomes ficcionais – e situa o processo da despersonalização subjetiva do nome de família para a concretização do ápice da decadência: o desparto social do nome.

Palavras-chave: Os Buddenbrook: decadência duma família; Os Maias; Onomástica Literária; Antroponomástica ficcional; Temática da decadência.

1 Considerações Iniciais

Nomear é uma ação sociolinguística e cultural milenar que advém dos primórdios das civilizações, fazendo-se presente epigraficamente desde os povos sumérios até os contemporâneos. A motivação para nomear pessoas sempre apresentara razões variadíssimas (GUÉRIOS 1973) que, ainda hoje, quando possível de serem retomadas, demonstram a extrapolação da função de identificação comum à gênese referencial do nome próprio de pessoas (doravante antropônimo). Enquanto ato performativo (AUSTIN 1989), que instaura um *homo erectus* socialmente, individualmente e até mesmo o delimita no seio familiar, a nomeação social dialoga com a nomeação ficcional, em que se delinea um *homo fictus*, mostrando-se esta também motivada, porém acrescida semanticamente da mediação de ironias, sumarizações e até mesmo alegorias sociais. Estas construções, por sua vez, agem em prol não só da caracterização das personagens, mas também, de forma ampla, da concretização de temáticas e estéticas ficcionais, propondo *mimeses* ou distanciamentos com relação à nomeação social.

A nomeação ficcional em “Os Buddenbrook”, de Thomas Mann e “Os Maias”, de Eça de Queirós, faz-se exemplo fundamental do diálogo entre a relação da nomeação das personagens e a função do nome próprio em sociedade, no que tange às relações subjetivas dos laços hereditários pela propagação do nome de família. Ademais, os próprios arranjos de nomes de ambas as obras materializam as temáticas propostas pelo enredo – no caso, a decadência familiar – fazendo-se elaboração estética de ordem

literária funcional-conotativa relevante para a materialização do desnodar decadente de ambas as famílias focalizadas pelas obras.

Reflexões associadas ao nome próprio e à sua forma linguística e função social cabem à ciência Onomástica (VASCONCELOS ([1887] 193; GUÉRIOS 1973), responsável pelo estudo desse léxico específico – tanto enquanto signo (lema), quanto sua formação, função e recepção em sociedade. A tal focalização epistêmica, subdivide-se, ainda, o estudo de antropônimos (nomes próprios de pessoas), pela Antroponomástica; e de topônimos (nomes próprios de lugares), pela Toponomástica, mediados por *corpus* variados que circulam socialmente por textos não ficcionais e ficcionais. O detalhamento quanto à elaboração do antropônimo ficcional, que se faz objetivo desta investigação, colabora, não só para associação do arranjo literário de nomes próprios de personagens à concretização da temática da decadência familiar, mas também para a aproximação dos estudos de base antroponomástico-ficcional à Literatura Comparada, devido ao viés literário comparativo a que se propõe.

Pesquisadores como Seide (2016, 2019), Eckert e Röhrig (2016, 2018); Pressani, Eckert e Röhrig (2020) e Camargo (2018, 2019, 2020) têm materializado estudos de perspectiva antroponímico-ficcional no Brasil, contribuindo para a possibilidade de se teorizar questões linguísticas e literárias acerca das funções dos nomes ficcionais em *corpus* variados, relacionando determinada lógica onomínica a estéticas específicas, alargando as classificações funcionais pretendidas por Debus (2002), autor alemão precursor da Onomástica Literária³. O escopo deste artigo compartilha, portanto, do desejo dos teóricos brasileiros mencionados: difundir a Onomástica Ficcional em língua portuguesa; dá-se, entretanto, de forma singular, visibilidade ao diálogo entre a obra de origem alemã “Os Buddenbrook: decadência duma família”, de Thomas Mann ([1901] 1975), e a obra de origem portuguesa “Os Maias”, de Eça de Queirós ([1888] 2009). A seleção de nosso *corpus* literário comparado relaciona-se não só ao fato de ambas as obras mostrarem-se onomínicamente férteis para nosso estudo, como já brevemente apontado, mas, principalmente, por permitirem um diálogo estético entre as literaturas portuguesa e alemã, uma vez que se percebem traços comuns da decadência familiar presentes em “Os Buddenbrook”, também materializados em “Os Maias”.

³ Literária (DEBUS 2002) e Onomástica Ficcional (BREMER 2015 SEIDE 2016, ECKERT; RÖHRIG 2018, CAMARGO 2018, 2019, 2020) são termos sinônimos; o último pode contemplar textos não visitados pelo primeiro: músicas, filmes, entre outros.

Em sua revisão de literatura, Boura (2005) reúne mais de 200 estudos sobre a obra **Buddenbrook** e seu autor Thomas Mann abrangendo estudos literários e linguísticos em língua alemã e em língua inglesa em suas reflexões acadêmicas. Contudo, para a língua e a cultura brasileira, são breves as considerações de teor especificamente antroponímico acerca da obra, bem como de fenômenos antroponímicos relacionados a especificidades da tradução, sendo necessário enveredar por esses campos teóricos. A revisão de literatura de Boura (2005) e o teor específico de seu trabalho demonstram que os estudos em língua portuguesa sobre “Os Buddenbrook” (1975) relacionam, principalmente, o espaço⁴ enquanto agente da materialização da estética da decadência, o que também se percebe com relação à obra de Eça de Queirós (2009).

Especificamente sobre as abordagens de questões antroponímicas, Boura (2005: 59) teoriza sobre a escolha do título **Buddenbrooks**, o que contribui para a divulgação em língua portuguesa sobre detalhes relevantes quanto a essa escolha, como a simbologia de “procedência baixo-alemã e o pendor burguês do termo” (BOURA 2005: 59). Já dentre as considerações em língua alemã e língua inglesa sobre a obra são perceptíveis tanto especulações acerca do teor biográfico do romance e possíveis homônimos – que datam de 1964 com Schröter – quanto preocupações factualmente antroponímicas com relação às principais motivações antroponímicas de Mann – não apenas quanto ao sobrenome, mas também sobre os prenomes – presentes em trabalhos relevantes como os de Kayser (1975).

Sobre a obra de Queirós e o nome de família que lhe dá título, Souza (2011) – autor português – busca reconstruí-lo semanticamente, propondo que há relação do nome com a variante linguística britânica *maya*, enquanto representação das relações de aparências comuns à sociedade lisboeta. Em língua inglesa, o trabalho de Viera ([1992] 2013) de mesmo foco semântico faz breve menção ao título da obra traduzida “*The Maias*” (1965), propondo que este se refira ao povo pré-colombiano “Mayanpeople” em uma relação colônia – metrópole (VIEIRA 2013: 187) de Portugal com os demais países europeus. Porém, apesar das ricas e possíveis propostas semântico-alegóricas decadentistas ambos estudos não abarcam o viés etimológico do nome de família *Maia*, e tampouco relaciona-o à decadência de especificidade familiar.

⁴ Rodrigues (2008) em sua dissertação focaliza suas considerações acerca da função do tempo – rompendo com a focalização do espaço – na obra de Mann *Der Zauberberg* [A Montanha Mágica] em que são realizadas pequenas considerações de mesmo teor com relação à obra *Buddenbrooks*.

Quanto à perspectiva etimológica do nome, esta transparece brevemente nas considerações de Kind (2018), quando, em sua tese de doutorado, a autora alemã frisa, quanto à *Die Maias* (1983)⁵, a ficcionalização “aristocrática” da família (Kind 2018:119), porém, novamente, não se propõe uma análise literária que ilustre a relação dessa etimologia com a temática da decadência familiar.

O paradigma de trabalhos apresentado, relacionado a análises de teor teórico-literário, denota a incipiente presença da vertente crítica dos estudos antroponomástico-ficcionais em língua portuguesa para considerações quanto às obras, e total ausência quanto à relação dos respectivos arranjos de nomes ficcionais em Mann e Eça à estética da decadência familiar, ainda que haja iniciativas de pesquisas de caráter especificamente antroponímico principalmente em língua alemã e língua inglesa. Logo, propondo uma descolonização de fronteiras teórico-idiomáticas em prol de diálogos linguísticos e literários transnacionais, comuns à Literatura Comparada – enquanto estudo das relações literárias e estéticas além de fronteiras nacionais (REMAK 1971) – esta investigação procura em sua interdisciplinaridade própria à ciência Onomástica (SEIDE 2016) e também Literária – descrever como o arranjo de nomes próprios (doravante arranjo onomínico) – pressagiador da decadência – orquestra-se nos romances “Os Maias” e “Os Buddenbrook”.

Os títulos das obras, enquanto centros regentes, focalizam a nomeação de gerações, personalizam-nas subjetiva e linguisticamente como coletivo sólido e trazem evidências de lealdade para depois rompê-las em episódios narrativos nos quais se concretiza o que chamamos de despersonalização do nome de família. Esse fenômeno de ordem psicossocial e antroponímica culmina, por sua vez, na não propagação social do nome, que aqui se denomina “desparto social do nome”. Para a concretização de ambos fenômenos de ordem macro-onomínica, relacionados ao nome de família, faz-se preciso, entretanto, compreender o funcionamento do arranjo de prenomes ficcionais proposto pelos autores, uma vez que, enquanto fenômenos micro-onomínicos, dialogam harmonicamente com a desconstrução subjetiva do nome de família (VAN LANGEDONCK 2007) e pressagiam o desaparecimento de ambas as linhagens descritas nos romances.

⁵ A publicação tardia da obra está relacionada ao momento político em que a Alemanha oriental vivia: o regime comunista (KIND 2018).

A fim de demonstrar a convergência entre a nomeação e a decadência familiar em ambas as obras, propõe-se, inicialmente, a focalização quanto à etimologia dos nomes de família centralizados ficcionalmente, relacionando-a ao *status* social de ambas as famílias. Posteriormente, aplica-se aos arranjos de nomes próprios dos romances a teoria de que os nomes ficcionais são “miméticos e conotativos por natureza” (CAMARGO 2018: 110) a fim de ilustrar os principais fenômenos antroponímicos (KAYSER 1975) interligando-os – cada qual com suas especificidades – aos indícios estéticos da decadência cumulativos no desparto social do nome de família, fenômeno resultante dos fatos socio-onomínicos – descritos abaixo.

2 O desparto social do nome de família em “Os Buddenbrook” e “Os Maias”

A percepção da focalização de uma decadência coletiva, durante a leitura de “Os Buddenbrook” e “Os Maias”, antecipa-se ao enredo pelo título: um nome secundário (VAN LANGEDONCK 2007) e coletivo que contempla diversos sujeitos e, com a devida ressalva, sujeitos diversos, unidos por laços sanguíneos e por crenças coletivas de deveres hereditários, como a propagação da tradição, cuja concretização sócio-histórica está no ecoar civil dos nomes de família.

Para se compreender a focalização familiar dos sobrenomes **Buddenbrook** e **Maia**, faz-se necessária, primeiramente, a percepção de que este último é um nome de família aristocrático (KIND 2018) socialmente utilizado. De acordo com Guérios (1974:159)

MAIA, sobr. port. Geogr., primit..Amaia, e, com a prepos. De, de Amaia se faz da Maia. Do lat. Maia, n. da deusa da vegetação? – “Os Maias” procedem de D. Mem Gonçalves de Maya, que foi o primeiro que tomou este apelido da terra de Maya, que ganhou aos Mouros, pai de D. Sueiro Mendes o Bom da Maya, descendente por varonia de el-rei D. Ramiro II, de Leão.

A definição acima explicita que a origem do nome de família português **Maia** se relaciona à nobreza. Essa explanação denota, ainda, a relação geográfica do nome, perceptível durante o modo de nomear as personagens, na menção “prenome + da + nome de família”: Afonso **da** Maia; Carlos **da** Maia, construção antroponímica em que se valoriza a partícula *de* devido ao seu “[...] caráter de fidalguia que os nobres atribuíam

[relacionado à] designação do local do nascimento, residência ou procedência, e principalmente por designar posse de senhorios”, fenômeno descrito por Guérios (1973: 41).

O viés etimológico do nome de família aristocrata também é perceptível no romance “Os Buddenbrook” quando ocorre a nomeação da personagem aristocrata Armgard *von* Schilling, na qual a partícula *von* conota origem aristocrática antitética ao nome de família Buddenbrooks:

Que felicidade essa, de chamar-se Von Schilling! Os seus próprios pais possuíam a mais bonita das antigas casas da cidade, e o avós era gente distinta, mas chamavam-se simplesmente “Buddenbrook” e “Kröger”, o que era, sem dúvida, uma lástima. A neta do elegante Lebrecht Kröger ardia de admiração pela nobreza de Armgard. Clandestinamente pensava, às vezes, que esse “Von” soberbo ficaria muito melhor junto ao nome dela (MANN 1975:77).

Logo, o nome de família **Buddenbrook**, idealizado por Mann (1975), simboliza uma família de origem burguesa – em ascensão econômica – e, ainda que prestigiada localmente, não aristocrática. Ademais, o nome é uma idealização puramente literária, cuja grafia se inspirara mimeticamente no nome burguês *Buttenbrock* (CARSTENSEN 1986: 10; KOOPMANN 1995: 44). Além da antítese de nomes burgueses e aristocráticos proposta pelo enredo, o autor também defende seu procedimento estético para localizar os Buddenbrooks como família burguesa: “*Mein Jugendroman heißt ‚Buddenbrooks‘, nicht ‚Die Buddenbrooks‘. Ich würde den Artikel nur einem adeligen Namen, keinem bürgerlichen gegeben haben*⁶” (MANN 1995).

A ausência do artigo *die* – comum à pluralização em língua alemã – e relacionada, socialmente, a nomes de origem nobre (como em *Die Poggenpuhls*⁷), em **Buddenbrooks**, é a diferença primordial não só entre os nomes de família que referenciam as obras aqui pesquisadas, mas também à própria focalização familiar. Em “Os Maias”, tem-se a descrição da decadência de uma família de origens aristocráticas, porém, situada em um contexto luso-burguês cujo enredo, inclusive, alegoriza a decadência da família à decadência ético-social da sociedade lisboeta, apresentando o tédio, o ócio e adultério – comum à burguesia lisboeta – como resquícios comportamentais aristocráticos vividos diariamente por Carlos Eduardo, terceira geração da família Maia e médico de formação,

⁶ “Meu novo romance se chama *Buddenbrooks* e não *Die Buddenbrooks*. Eu daria apenas o artigo [die] a um nome nobre, não a um nome burguês” (tradução nossa).

⁷ Título do romance de Fontane, publicado em 1896, que tem como foco a descrição crítica de uma família alemã nobre.

que se abstém de atender em seu escritório luxuoso por falta de pacientes: “[...] Carlos realmente não tinha tempo para o escritório” (QUEIRÓS 2009:95).

Em “Os Buddenbrook” – título traduzido para a Língua Portuguesa – por sua vez, há a descrição de uma família burguesa cujos bens econômicos relacionam-se ao protagonismo da firma **Johann Buddenbrook**. O *status* aristocrático, por seu turno, mostra-se desejado pelas gerações de várias maneiras: desde a insistência em utilizar títulos nobres, a desvalorização do sobrenome Buddenbrook em detrimento de sobrenomes aristocráticos como Von Schilling (MANN 1975: 77) até o casamento da personagem Thomas com Gerda, personagem descrita como sendo uma “menina distinta” (MANN 1975: 66); “de natureza de artista; uma criatura singular, misteriosa e encantadora” (MANN 1975:270) “[...] e um “partido milionário” (MANN 1975:258).

Ambas as obras, apesar de suas particularidades quanto à focalização familiar, iniciam-se pela descrição das famílias socialmente prestigiadas e de como suas simbologias de poder estendem-se desde as vestimentas até a moradia. A narrativa, em “Os Buddenbrook”, tem origem com um marco: toda a família Buddenbrook e Kröger⁸ está unida a fim de inaugurar o casarão no qual os Buddenbrooks – no ápice de sua ascensão – viveriam.

Durante a reunião, concentram-se, além de figuras representativas das instituições locais e intelectuais, a primeira, a segunda e a terceira geração Buddenbrook: Thomas, Christian e Tony (terceira geração)⁹, filhos de Jean Buddenbrook e Elisabeth Kröger Buddenbrook (segunda geração) e netos de Johann Buddenbrook e Antoniette Buddenbrook (primeira geração), ainda são crianças, porém já apresentam traços comportamentais, descritos pelo avô, Johann Buddenbrook, que comprometeriam o desejo da primeira e segunda geração de propagação do nome de família.

Quando Christian, “cabeça de vento” (MANN 1972: 12) demonstra, já na fase adulta, não ter interesse pelos negócios da família, cabe a Thomas Buddenbrook o fardo moral de continuar os negócios da firma Buddenbrook. Este, por sua vez, passa a maior parte de sua vida adulta lutando contra suas próprias vontades em prol de salvaguardar o

⁸ Os Kröger eram uma família bastante abastada financeiramente. Elisabeth Kröger foi a escolhida para selar matrimônio com Jean Buddenbrook, seguindo conselhos do pai Johann Buddenbrook, uma vez que a família traria um excelente dote para a firma.

⁹ Após dois anos desta reunião, nasceria Klara Buddenbrook, também representante da terceira geração que, na fase adulta, não gera filhos.

nome da família, assim como haveria de ser com Antonie, sua irmã. Thomas, por exemplo, ao longo do enredo, apaixona-se por Rosa, uma florista sem qualquer *status* social; ao longo dos anos, a personagem masculina desfaz o relacionamento para se casar com Gerda, estrangeira milionária, musicista – já mencionada anteriormente pelos ares aristocráticos – e com ela tem um filho – frágil quarta geração contemplada unicamente por Hanno – que apesar dos esforços de sua “tia Tony” para ser a figura representativa do grande futuro dos Buddenbrooks, morre ainda criança.

Tony, por sua vez, acreditava ter caráter elevado com relação aos seus semelhantes e, na infância, possuía aos olhos do avô “tendência demasiado forte para a ociosidade e a desordem” (MANN 1972: 10) acaba, na fase adulta, divorciada de dois casamentos infelizes, o primeiro, com vistas a orgulhar a família e permitir a continuação da firma é selado com Grünlich, um charlatão; e o segundo, em busca de uma companhia já na velhice se realiza com Permanender, mas acaba por conta de uma traição do marido com uma empregada, humilhando publicamente, ainda mais, a figura de Tony e o nome da família.

Contudo, antes que o narrador descrevesse o crescimento dos filhos de Jean Buddenbrook, no momento de reunião inicial da narrativa, acima descrito, ocorre o primeiro presságio – de ordem não relacionada à nomeação (não onomínica): a narração da decadência de uma firma amiga dos Buddenbrook ocorrida “nos últimos vinte anos” (MANN 1975:18). Em “Os Maias”, por sua vez, no ponto inicial da narrativa já também se ilustra o primeiro presságio da decadência familiar: o casarão da família – Ramalhete – que persistira a três gerações da família Maia – Afonso da Maia, enquanto patriarca, Pedro da Maia, seu filho e Carlos Eduardo da Maia, neto de Afonso e filho de Pedro – está em ruínas, conotando mau agouro; porém, após a reforma proposta por Carlos e paga pelas heranças aristocráticas do avô, Afonso da Maia, o local passa a conotar prestígio na sociedade lisboeta. Com as visitas recebidas, o patriarca Afonso evita menção ao suicídio trágico de Pedro, motivado pela traição e fuga de Maria Monforte com sua neta, Maria Eduarda – e o Ramalhete passa a ser ponto de encontro de grande parte da sociedade e, principalmente, a ser palco das discussões ociosas entre Carlos Eduardo da Maia e João da Ega: *bonvivant* ateu e autor incipiente que defende ideias sociopolíticas revolucionárias.

Ao final do enredo, em “Os Maias”, após o infarto de Afonso da Maia pela descoberta do reencontro e da relação incestuosa de seus netos separados na infância

(Maria Eduarda e Carlos Eduardo), o Ramalhete volta ao seu estado inicial: está em ruínas; em “Os Buddenbrook”, devido à condição financeira preocupante da firma, o casarão é vendido por Thomas Buddenbrook, conotando desprestígio social; logo, em ambos os romances somos apresentados a uma ordem cíclica, comum ao mito (Eliade 1994) representativa da decadência de *status* social, a qual Hoevel (2010) chama de decadência econômica. Por outro lado, atrelada a essa perspectiva da decadência há o contexto expressivo do findar de gerações, denominado por Boura (2005) de decadência biológica, sobre o qual nos cabe fazer algumas considerações.

Em “Os Buddenbrook” (1975), **Hanno Buddenbrook**, conforme já mencionado enquanto quarta geração da família, fruto do casamento de Thomas com Gerda, morre muito cedo, o que o impede de ter filhos e propagar o nome e a genética da família; nesta personagem concentra-se a ideia de decadência biológica, apresentada por Boura (2005), uma vez que Hanno representa a “degenerescência fisiológica” (SOUZA 2015) de uma criatura artista com responsabilidades burguesas. Por outro lado, Antonie, irmã de Thomas, ambos pertencentes à terceira geração, tem uma filha – Erika Weinschenk – com aproximadamente 30 anos (MANN 1975: 661) e que, apesar de ter se casado com Hugo Weinschinck, personagem corrupto cujo fim é a prisão, não conota, na narrativa, total impossibilidade biológica de propagação genética, uma vez que, biologicamente, ainda se apresenta apta a ter filhos.

O mesmo ocorre em “Os Maias”, uma vez que Carlos Eduardo da Maia ainda está vivo, mesmo que desiludido quanto ao matrimônio e com tendências extraconjugais, como em seu estado inicial, em que mantém relações com a comprometida Condessa Gouvarinhos. Maria Eduarda Trelarim, por seu turno, apesar do sobrenome recebido pela contração de seu último casamento, não deixa de ser uma Maia, irmã de Carlos Eduardo da Maia, e de ter uma filha – Rosa – bisneta biológica de Afonso da Maia; ocorre que o parentesco das últimas se esconde socialmente pelos nomes de família adquiridos ao longo das relações matrimoniais e civis. Portanto, o fenômeno acima explicitado vai além da decadência biológica (BOURA 2005), já que não se trata de total impossibilidade de um coletivo familiar propagar-se geneticamente, mas sim da impossibilidade da propagação social do nome.

Logo, em relação dialógica com os fenômenos onomímico-civis, compreende-se da narrativa ficcional que o nome de família não se propagará: as personagens femininas recebem, primeiramente, os sobrenomes dos pais e, posteriormente, dos

maridos, o que fica claro com a evolução das personagens **Tony Buddenbrook – Tony Grünlich, Tony Premanender – e Maria Eduarda Mac-Gren – Maria Eduarda Gomes – Maria Eduarda Trelarim**. Esse fenômeno¹⁰ onomínico-social de recebimento do sobrenome após contração matrimonial se ramifica na nomeação das filhas das personagens, que recebem o nome dos pais; logo, o que realmente pode ser percebido pelo enredo não dialoga com a decadência biológica coletiva, com uma possível deformação genética, mas com o apagamento do nome de família, o que, baseadas em Rabinovich, chamamos de desparto social do nome. Para a autora (2011: 8),

[...] o nome pode ser visto como um parto social, pois: nomear é gerar uma segunda vez na medida que o nome atribuído ao bebê o insere em uma ordem social: o registro civil, onde a criança inicia a sua existência legal e social. Pelo nome instaura-se uma tripla inscrição: a pessoa em relação à sociedade, a pessoa em relação à família e a pessoa em relação a si própria.

Assim, levando em consideração que o ato de nomear pode ser comparado com um parto social (RABINOVICH 2011) uma vez que a nomeação concebe linguisticamente o indivíduo em sociedade e conota sua relação familiar e sua subjetividade, também é verdadeira a possibilidade, ainda que antitética, da convivência entre a nulidade desta inscrição social e a permanência obscurecida da presença de laços hereditários; contexto que leva ao apagamento social de ordem não genética de um nome de família, ao qual chamamos de “desparto social do nome de família”.

Esse fenômeno de ordem macro-onomínica se constrói em ambos os romances aqui mencionados, ao longo de um rompimento subjetivo do grupo familiar (ARIÈS 1997) Buddenbrookiano e Maia, seja ludicamente por vontade, em Thomas, seja factualmente por vontade em Maria Monforte e Carlos Eduardo, seja factualmente por necessidade em Maria Trelarim. Tal rompimento subjetivo se torna perceptível quando já não há sentimento “missionário” de necessária propagação de um coletivo; essa questão de teor abstrato, porém, concretiza-se literariamente mediante a despersonalização do nome de

¹⁰ Tradicionalmente, na Alemanha, a família tem um sobrenome comum, que é geralmente o sobrenome do marido. O Código Civil de 1900, parágrafo 1355, determinava: "A mulher adota o sobrenome do marido". Após breves alterações durante a República de Weimar (1918-1933), e mediante a reforma do direito matrimonial, em 1976, apenas em 1991 houve, de fato, uma alteração no código civil que permitia o nome da mulher ser adotado como nome comum da família (STROSCHEIN s.d). Em Portugal, por sua vez, “[...] do século XIX o costume de as mulheres adotarem o apelido do marido, o que, ao contrário do que afirmou Leite de Vasconcellos, não tinha antes expressão significativa, embora se pudesse verificar”. (MONTEIRO 2008: s.p).

família, pela qual se negam os laços hereditários, havendo o prevaecimento do sujeito em sua individualidade.

O fenômeno de despersonalização do nome de família pode ser detalhado nas obras quando a diferenciação, enquanto individualidade do sujeito ficcional, sobressai-se com relação ao coletivo e à lealdade familiar (BOSZORMENY-NAGY; SPARK 1983), como em **Thomas Buddenbrook**, em sua pulsão de morte, Maria Eduarda pela negação social ao nome Maia, Maria Monforte no momento da escolha do prenome de **Carlos Eduardo da Maia**, bem como na consumação ciente de incesto por parte de Carlos Eduardo e negação deste ao matrimônio, fenômenos posteriormente descritos respectivamente no subcapítulo 3, **O duplo onomínico em “Os Buddenbrook” como implícito da decadência** e 4 **Homonímia como presságio da decadência em “Os Maias”**.

Esses ápices narrativos da decadência familiar têm sua consequência, por seu turno, no desparto social do nome de família, já citado enquanto não propagação explícita de descendências, uma vez que estas foram socio-historicamente anuladas, gerando uma “ausência de nome [...], deformação que torna um acontecimento [socio-historicamente] inacessível (RABANT, 1993: s.p). Para se concretizar tal apagamento social do nome de família, questões de ordem micro-onomínicas agem, dentre as quais estão a materialização do duplo, em “Os Buddenbrook”, e da homonímia como presságio, em “Os Maias”.

3 O duplo onomínico e existencial em “Os Buddenbrook” como implícito da decadência

Começamos pela lógica alfabética: uma primeira leitura de “Os Buddenbrook” contribui para a percepção de que a maioria dos antropônimos ficcionais materializados por Mann propõe uma relação referencial simbólica, promovendo combinações onomínicas não usuais em língua alemã e puramente literárias como em pastor **Wunderlich (milagroso)**, Sessemi **Weichbrodt (pão mole)** e até fonético-sumarizadoras, como **Mr. Brecht**, dentista cuja função de extrair acaba representada pelo seu nome onomatopédico¹¹. Tais

¹¹ “O simples nome desse homem lembrava de maneira horripilante aquele ruído que se produz na maxila quando, torcendo, puxando e levantando, se arrancam as raízes de um dente” (MANN 1975: 451).

códigos que conotam ironias, sumarizações, entre outras funções simbólicas exercem, pois, não tão somente a função referencial (de identificação), mas aderem a esta funcionalidades caricatas e conotativas. Para Camargo (2018: 105-106),

O onoma [é] muito conotativo [...] se a etimologia e uso de hipocorísticos aliados ao discurso promoverem sumarização comportamental, ironia, antítese, alegoria, entre outras funções simbólicas e até gramaticais, como a personificação, configurando sua conotação. Pode, ainda, haver um alto nível conotativo sem que seja necessária a função etimológica, caso de nomes [...] que, inseridos no nível do discurso com etimologias irrelevantes, promovem a conotação por meio de um processo de alegorização do nome.

Logo, ainda que uma minoria de nomes: “Overdieck, Döhlmann, Kröger, Kistenmaker, Hagenstrom e Möllendorpf” (KAYSER 1975: 120) adira à lógica verossimilhante e geográfica da região hanseática, sendo também muito mimética (CAMARGO 2018), tais antropônimos ficcionais fazem-se dialogicamente simbólicos – com relação ao uso de hipocorísticos, títulos e posição socioeconômica – para com as referências ficcionais que representam; isso significa mencionar que as combinações antroponímicas ficcionais em “Os Buddenbrook” trazem críticas implícitas e ápices poéticos expressos pelo código onomínico, fazendo-se, possível, pois, mensurar, de forma geral, o arranjo onomínico de Mann (1975) como muito conotativo e alternadamente mimético (CAMARGO 2018).

Em contrapartida, os prenomes **Christian**, **Thomas**, **Klara** e **Antonie**, pertencentes à terceira geração Buddenbrook – símbolo do início da decadência – são construídos a partir de fenômenos onomínicos pouco transparentes. Percebe-se, inicialmente, que os étimos **Christian** e **Thomas** têm maior uso na língua francesa; o primeiro, por seu significado **cristão** (GUÉRIOS 1973: 86; OLIVER 2010: 103) viabiliza uma conotação irônica de possível sumarização de valores cristãos, contrastantes ao seu comportamento rebelde-protestante. O segundo **onoma**, **Thomas**, chama menos atenção pela etimologia – “gêmeo” (GUÉRIOS 1973: 207; OLIVER 2010:279) que pelo próprio **signo**, o qual se repete em seu criador – Thomas Mann.

É com Thomas Buddenbrook que a estética do duplo se instaura, corroborando o fenômeno de despersonalização do nome de família. Esse duplo se ramifica em duas materializações: a primeira, de ordem psicológica, nos desejos internos e ações externas antagônicas da personagem (*quid pro quo*) e a segunda, de ordem onomínica, na

homonímia¹² da personagem com o autor. Nos prenomes idênticos mistura-se o primeiro duplo de ordem psicológico: autor e personagem compartilham uma existência bipartida: há um esforço de Mann em “superar a sua natureza, impregnada [de] romantismo [...]” (ROSENFELD 1994: 23) intenção que se expressa na criação literária, principalmente no *quid pro quo* íntimo de Thomas, a partir do qual se contrapõem valores burgueses e artísticos constantemente.

Souza (2015: 121) entende que, para Mann, “[...] a evolução espiritual significa a degenerescência fisiológica” conotando, pois, a impossibilidade de uma personagem de origem burguesa dialogar sadiamente em sua personalidade qualquer traço artístico, o que dialoga com o entrelugar de Mann: artista burguês. Para Lukács (1968: 198), quando Mann ascende literariamente, “o isolamento do artista moderno, da arte moderna [...] já é um fato realizado inteiramente na sociedade capitalista” alemã, logo há tão somente duas possibilidades sociais e, por extensão, ficcionais na obra de Mann: personagens socialmente aceitos e intimamente infelizes e os que vivem à margem – com predisposição para a arte, mas sem nela também encontrar seu *Hoffstede*¹³.

Não obstante a homonímia criada pelo uso de prenomes idênticos entre autor **Thomas** Mann e a personagem **Thomas** Buddenbrook poder ser analisada como pistas toponímicas e caricatas de familiares de Mann e figuras reais da região alemã Lübeck¹⁴, ela, antes de mais nada, documenta linguisticamente o viés autoficcional (KLINGER 2008) da obra do autor – que se repete em suas produções futuras: *Der Zauberberg* (1924) [A montanha mágica (1958)], *Der Tod in Venedig* (1912) [A morte em Veneza (1970)], entre outras. Assim, o “caráter teatralizado da construção da imagem do autor” (Klinger 2008: 55) se explicita na homonímia e está implícito na construção do duplo íntimo – *quid pro quo*¹⁵ – da personagem Thomas Buddenbrook¹⁶, percebida pela descrição psicológica do narrador onisciente:

Thomas Buddenbrook sentia-se indizivelmente cansado e descontente [...] sentia-se vazio; não via nenhum plano animador [...] o seu impulso trabalhador, que sempre diferia

¹² Semelhança de prenomes.

¹³ *Hoffstede* é um antropônimo da obra de Mann, literariamente criado para sumarizar “o poeta da cidade” (MANN 1975:11) que encontra seu lugar local.

¹⁴ Além das tabelas onomásticas de Schröter (1964: 7) quanto à possibilidade da relação entre entes ficcionais e reais em Buddenbrooks, Miskolci (2003) retoma contemporaneamente questões de ordem autoficcional quando aproxima, por exemplo, a personagem Gerda de Julia, esposa de Thomas Mann.

¹⁵ Expressão latina: tomar uma coisa por outra.

¹⁶ A representação biológica e social da impossibilidade sadia de valores artísticos e burgueses enquanto materialização da narrativa autoficcional se dá também com Hanno, criança burguesa com tendências musicistas de frágil saúde, que deixa de existir ainda na infância.

fundamentalmente da vontade de trabalho natural e durável dos seus antepassados, sendo coisa artificial, válvula dos nervos, entorpecente [...] todas essas coisas não o tinham abandonado; menos do que nunca, ele sabia dominá-las; haviam recrudescido, tornado suplício (MANN 1975: 539).

Conforme expõe o narrador, Thomas agia de maneira artificial, atuando socialmente (GOFFMAN 2009) segundo um papel social que não se coadunava com sua essência. No início da narrativa, somos apresentados ao fato de que, na infância, Thomas “não tinha semelhante talento [de atuação]” (MANN 1975: 13) de Christian, porém, mediante o conflito interno da personagem somos levados à percepção de que sua vida adulta fora resumida em atuar. Todavia, nos dias e noites que precedem a morte de Thomas, o conflito interno entre as responsabilidades burguesas e as questões espirituais aguça-se e o acompanha até o exato momento da morte, quando a personagem se entrega a um “sentimento protestante (MANN 1975: 573)” buscando leituras filosóficas sobre vida e morte, mais especificamente, a obra de Schopenhauer: *Die Welt als Wille und Vorstellung* [O Mundo como Vontade e Representação]. Thomas se nutre da leitura, elevando-se espiritualmente e, posteriormente, envergonha-se: “[...] na manhã seguinte, acordando com uma levíssima sensação de embaraço por motivo das extravagâncias espirituais da noite passada, previa algo da irrealizabilidade desses belos projetos” (MANN 1975: 578).

Sob outra perspectiva, apesar desse arrependimento repentino e da percepção de que não poderia concretizar seus desejos espirituais, as leituras de Thomas instauram, para além do duplo: vida terrena e vida espiritual, o que chamamos de “despersonalização do nome de família”, fenômeno complexo que se dá, na obra de Mann, mediante o momento de pulsão de morte (FREUD [1920] 2006) de Thomas. Em êxtase sublimante de autocrítica violenta, a personagem ironiza a própria descendência, nega sua continuidade e, pela primeira vez, valoriza o indivíduo: **eu** em detrimento do **outro**, do todo familiar:

Esperei continuar a viver no meu filho? Numa personalidade mais medrosa, mais fraca, mais incerta ainda? Que engano tolo e infantil! Para que me serve um filho? **Não preciso de filho!...** Onde estarei **eu** depois de morto? Mas isto é tão lúcido e claro, tão maravilhosamente simples! Estarei em todos aqueles que já disseram “**Eu**”, que dizem ou dirão. (MANN 1975: 577, grifo nosso).

Fica explícito, mediante o trecho, que Thomas não consegue mais reconhecer sua própria linhagem consigo mesmo. Trata-se do duplo mais bem elaborado por Mann, mediante o qual, até mesmo gramaticalmente, propõe-se uma igualdade antitética, impossível. A (re)vivificação de si, mediante a valorização subjetiva (BENEVISTE 1991)

do pronome pessoal “eu”, que linguisticamente reafirma a existência egocêntrica da personagem, gera a ruptura da relação com o outro, no caso, o descendente, seu filho Hanno, no qual Thomas, portanto, não haveria mais de existir. Assim, a negação da descendência e a quebra de expectativa de continuar a existir pela propagação do nome coletivo culminam na despersonalização do nome de família: na valorização do “eu” em detrimento de “nós” e, por fim, na quebra de laços onomínicos de lealdade: quebra-se a missão de salvaguardar o nome de família.

Há outra forma de concretizar onomínicamente a estética de Mann relacionada ao duplo existencial ou psicológico, esta, por sua vez, não se relaciona à despersonalização do nome de família, mas, ainda em “Os Buddenbrook”, materializa, nas primeiras páginas da obra, as personalidades ambíguas das personagens da segunda geração, por meio de antropônimos de nacionalidade dupla. Tal condição bipartida, por sua vez, seria geneticamente herdada também pela terceira geração e magistralmente ilustrada no *quid pro quo* de Thomas. Quanto ao duplo onomínico de nacionalidades, afirma Kayser (1975: 124):

Their French first names, therefore, have to be understood as a sign of reverence for France, as a sign of cultural sophistication and openness to the world. Thus, the combination Jean Buddenbrook creates, is similar to the mystic “Coincidentia oppositorum,” a union of two seemingly opposed entities, in this case of the French and German culture. Jean Buddenbrook is the embodiment of this union that transcends national boundaries and prejudices, and the two contrastive parts of his full name aptly reflect it¹⁷.

Ao contrário do que assume Kayser enquanto um duplo que se dissolve em uma personalidade homogênea: “transgressora das diferenças culturais”; defendemo-lo com base no enredo, enquanto duplo de nomes que se concretiza em um viés alegórico de nações linguisticamente e culturalmente opostas, gerando personalidades íntimas contrastantes, configurando, mediante duplo de onomas, um duplo existencial. O primeiro Buddenbrook a quem somos apresentados e que se considera a primeira geração: **Johann Buddenbrook** (MANN 1975: 5) ou “velho Buddenbrook” ainda que conhecesse “um bom pedaço do mundo” [...] tinha tendência para traçar limites rigorosos” (MANN 1975:9). Seu

¹⁷ Seus primeiros nomes franceses, portanto, devem ser entendidos como um sinal de reverência pela França, como um sinal de sofisticação cultural e abertura ao mundo. Assim, a combinação criada por Jean Buddenbrook é semelhante à mística “Coincidentia oppositorum”, uma união de duas entidades aparentemente opostas, neste caso da cultura francesa e alemã. Jean Buddenbrook é a personificação dessa união que transcende as fronteiras nacionais e preconceitos, e as duas partes contrastantes de seu nome completo refletem isso. Tradução nossa.

prenome e nome de família de origem alemãs tornam-no – este sim – homogêneo. Tamanha sua homogeneidade que acabara por fazer a esposa – **Antoinette Buddenbrook** – dissipar muitos de seus traços franceses:

Era uma senhora corpulenta [...] de um modo estranho, no decorrer dos anos, suas feições tinham-se tornado parecidas com as do marido. Apenas o feitio e a mobilidade dos olhos escuros indicavam a linhagem semilatina: descendia, pelo avô, de uma família franco-suíça e nascera em Hamburgo (MANN 1975: 6).

Logo após tal constatação, somos apresentados às características do cônsul Buddenbrook: filho de Johann e Antoniette: **Jean Buddenbrook** – segunda geração a qual corresponde nossas considerações – que “Herdara do pai os olhos encovados, azuis e atentos, se bem que a sua expressão fosse algo sonhadora” (MANN 1975: 7). Percebe-se, portanto, o caráter híbrido da personagem, não só onomínico, mas também personalístico: entre o rigor do pai e a ludicidade da mãe, que se partilha sofrivelmente entre questões sociais e espirituais, duplo que se repetirá nas demais gerações.

Thomas, terceira geração, tinha “[...] os olhos e a forma do rosto do avô”; já Christian, seu irmão “se parecia com o pai de um modo quase ridículo” (MANN 1975: 13) descrições que perpetuam o duplo não só intrínseco à essência das personagens, mas que se sobressai nas relações familiares enquanto personalidades opostas, tais como de Christian e Thomas, na qual o primeiro tinha gosto pela arte e por preencher suas necessidades individuais, enquanto Thomas aniquilava-se a si mesmo em prol da família – até sua pulsão de morte – como assim também faria Tony – hipocorístico carinhoso de Antonie (AMARAL 2011) – ao se casar com Grünlich em prol da firma Buddenbrook.

Como se percebe, pelo próprio enredo, Antonie em sua estética antroponímica dialoga com o nome e destino da avó Antoniette – o casamento enquanto negócio:

Esse matrimônio, para falarmos francamente, não fora propriamente o que se chama um casamento de amor. O pai lhe dera uma palmada no ombro, chamando-lhe a atenção para a filha do rico Sr. Kröger, que poderia levar um dote considerável para a firma. E ele, de todo o coração, concordou (MANN 1975:49)

O destino de Tony é selado quando a personagem consulta o livro genealógico familiar¹⁸ e retoma para si o compromisso de ter herdado o nome da avó e de ser uma

¹⁸ Livro em **Os Buddenbrook** em que há descrições de fatos do cotidiano familiar, desejos compartilhados e assinaturas de indivíduos da família Buddenbrook.

Buddenbrook – garantir o futuro da firma casando-se com um partido aprovado pela família, ainda que não por Tony:

Que mais seria escrito, para o futuro, no espaço deixado junto ao nome que ela herdará da avó Antoniette? E qualquer coisa que se escrevesse seria lida por membros posteriores da família [...] Com o dedo indicador curvo, inclinando a cabeça ardente sobre o ombro, escreveu na sua letra desajeitada [...] “... Em 22 de setembro de 1845, ela contratou casamento com o Sr. Bendix Grünlich, comerciante de Hamburgo (MANN 1975: 143)

Além da clara percepção de o enredo reconstruir a hereditariedade do nome materializada na influência da pessoa que o traz, o que Guérios (1973: 20) define como “Onomatômãcia” – [...] superstição de que o nome exerce ou poderá exercer influência na pessoa que o traz ou na sua vida (GUÉRIOS, 1973: 20) – cabe ressaltar a reafirmação de laços onomínicos-hereditários de Tony: o esquecimento do *self*¹⁹ concretizado em uma união infeliz, reconstruída onomínicamente, de acordo com Kayser (1975) por Mann (1975):

[...] **AG** on Tony’s handkerchief reveals a deeper meaning, for it can also be read as the abbreviation of “Aktiengesellschaft”, meaning “business corporation”. In the context of the novel the **AG** indicates the business like character of this marriage which in reality was Bendix and Antonie Grunlich, Inc. The **ironic double meaning of the AG** monogram allows Thomas Mann to sum up the entire story of this ill-fated marriage in two letters. This is indeed an ingenious artistic achievement²⁰ (Kayser 1975: 130). (Grifo nosso).

Da tradução alemã para o português, esse mecanismo onomínico-semântico se perde. Não se faz mais perceptível que o autor se utilizara de uma abreviação dos prenomes das personagens: *AG* para alegorizar a relação de Antonie e Grünlich com o signo linguístico: *Aktiengesellschaft*, cuja também abreviação significa corporação de negócios. Esse contexto demonstra que pistas e funções onomínicas podem se perder durante traduções, impossibilitando determinados tipos de equivalência, defendidos pela concepção universalista de língua²¹ (MINCHIN 2019).

¹⁹ Para Freud (1920), o Self (eu), é o conjunto psíquico (id, ego e superego) que se torna nossa essência, nossa individualidade.

²⁰ *AG* no lenço de Tony revela um significado mais profundo, pois também pode ser lido como a abreviação de “Aktiengesellschaft”, que significa “corporação comercial”. No contexto do romance, a *AG* indica o caráter comercial desse casamento, que na realidade era Bendix e Antonie Grunlich, Inc. O duplo significado irônico do monograma da *AG* permite que Thomas Mann resuma toda a história desse infeliz casamento em duas letras. Esta é realmente uma realização artística engenhosa. (Tradução nossa).

²¹ De acordo com essa teoria, haveria a possibilidade de uma tradução absolutamente equivalente entre línguas.

Antonie é a personagem da terceira geração que mais demonstra preocupação para com a perpetuação d’Os Buddenbrook’s; inclusive quando sua irmã Klara²² “moça de beleza **austera** e singular [...] [e] apesar do considerável dote, seria difícil [de] casar” (MANN 1975: 254) sela um matrimônio sem filhos com **pastor protestante** Tiburtius, findando cedo sua vida ficcional antitética, Tony se inquieta, percebendo que, “[...] no próprio lar também ainda não havia a certeza da perpetuação do nome da família (MANN 1975: 322).

Além da preocupação explícita para com a perpetuação do nome, Antonie é a única personagem a receber um prenome familiar cujas raízes etimológicas se repetem (GUÉRIOS 1974) na terceira geração, o que, ao ver da personagem, acentua seu dever hereditário-coletivo. É somente na quarta e última geração, que se retoma, de forma idêntica, um prenome: **Johann**, prenome do primeiro Buddenbrook a que temos acesso e pelo qual Jean Bruddebrook, na intimidade, era chamado. Apesar desse retorno à origem simbolizar, por parte de Thomas, a busca pelo gosto comercial do avô, e, para Tony, a possibilidade de “Os Buddenbrook” ainda não estarem “no kyrie-eleison e de “[...] haver um Johann outra vez” (MANN 1975:355) a fim de “conservar o brilho, a fama do nome paterno e dar a família nova prosperidade” (MANN 1975: 611), esse antropônimo ficcional propõe ironicamente o fim do ciclo dos Buddenbrooks. Essa proposta se explicita no momento em que o pequeno Johann desenha um traço duplo²³ abaixo de seu nome no livro genealógico da família, pensando que “[...] não vinha mais nada” (MANN 1975:461). Esse momento do enredo pressagia o apagamento do nome de família, assim como outrora selara o casamento infeliz de Tony.

A estética da decadência descrita em Mann, a materialização do arranjo onomínico, mediante fenômenos homonímicos e a constante do duplo, bem como a proposta de presságios também são comuns à estética em “Os Maias”; por outro lado, concretizam-se de forma heterogênea e dialogam, ainda, com a influência da tragédia clássica que, por sua vez, também contempla a tragédia moderna da decadência de uma família: o apagamento do sobrenome.

²² Nome que se faz antitético a partir do enredo. Origem por motivação religiosa: “Santa Clara” (MANN 1975: 46) contrasta com o casamento protestante de Klara.

²³ O traço duplo em um livro genealógico indica o fim da genealogia.

4 Homonímia como presságio da decadência em “Os Maias”

Dando continuidade à análise chegamos à focalização do arranjo onomínico da obra de Eça de Queirós. Relacionando-o, também, inicialmente, à proposta de aferição de *onomas* em *continuum* de Camargo (2018), percebe-se uma primeira singularidade com relação à nomeação descrita anteriormente: não há combinações onomínicas puramente literárias. A maioria dos nomes e sobrenomes são miméticos à lógica onomínica portuguesa oitocentista, fazendo-se, portanto, em sua maioria, um código pouco conotativo e muito mimético: “imitam a nomeação da sociedade” (CAMARGO 2018: 105).

Ainda assim, há exceções de *onomas* muito conotativos, que mesmo muito miméticos propõem alegorias representativas, como ocorre com o sobrenome de origem judia *Cohen*, que, ao referenciar a personagem cônsul Cohen: banqueiro e imbecil, endividado e pouco confiável parodia o *status* de descrédito do povo judeu àquela sociedade (COUTINHO 2017), o que aqui dialoga com a condição das personagens judias em “Os Buddenbrook”, simbolizando a condição antissemita de algumas personagens²⁴, como se faz perceptível na relação de Tony e Julinha, na qual a primeira hostiliza a segunda por seus traços étnicos não agradáveis que esteticamente se opõem aos traços arquitetônicos poderosos da mansão da última.

Porém, dentre a percepção de picos onomástico-conotativos (CAMARGO 2018: 109), o que mais chama a atenção, são os *onomas* conotativos que só se classificam como tal textualmente – assim como os pertencentes à quarta geração Buddenbrookiana. No romance de Eça, os *onomas* se repetem em duplos onomínicos de proximidade linguística: **Afonso** da Maia e **Afonso** de Albuquerque, Maria **Eduarda** e Carlos **Eduardo** e, por fim, João da **Ega** e seu criador-autor **Eça** de Queirós.

O fenômeno do duplo onomínico, por outro lado, em “Os Maias” não caracteriza personagens em conflito psicológico interno/externo, tampouco a ideia de impossibilidade existencial de duas instâncias heterogêneas – *id* e *superego* – contemplarem um mesmo casulo psicoespacial, como ocorre em “Os Buddenbrook” com Thomas Buddenbrook. No romance português há uma homogeneidade de

²⁴ Não há a intenção, neste trabalho, de associar o comportamento antissemita de algumas personagens em “Os Buddenbrook” e “Os Maias” às devidas percepções positivas ou negativas de seus respectivos autores quanto ao povo judeu; apenas há o objetivo de descrever a representação coletiva do povo judeu enquanto reflexo de um sobrenome sumarizador.

comportamentos externamente decadentes, da qual Carlos Eduardo – anti-herói e personagem de ampla focalização narrativa – age de maneira antitética a seu avô – descrito como um herói clássico: Afonso da Maia – e materializa o apogeu da decadência: o incesto.

Assim como nessa corporificação da decadência familiar, as demais ações da personagem propõem sinais de causa e efeito que extrapolam a má conduta do *id*, sendo estas orquestradas por um regente maior – que não os deuses da tragédia clássica – mas agentes externos à ação e internos ao léxico literário: como a descrição dos locais e a nomeação – agentes do trágico e da decadência. Antes de nos atermos, porém, propriamente a descrição dos agentes onomínicos da decadência, destaca-se, como em “Os Buddenbrook”, a percepção do fenômeno da homonímia entre autor e personagem – em “Os Maias”, por sua vez, camuflada pela troca da consoante **ç** pela consoante **g**: em **Eça** e **Ega** (Lago 2010). Essa similitude antropomínica intensifica para a crítica a possibilidade de a *persona* do autor materializar-se em Ega, enquanto alter-ego (LAGO 2010).

O procedimento de Eça teatralizar-se hiperbolicamente em personagens específicas é comum em suas obras, como ocorre em Fradique Mendes, na obra **Correspondência de Fradique Mendes** (1946). Esse fenômeno explicita como em Mann – com relação ao duplo, o entre lugar, a luta do *id* para com o *superego* presentes em Thomas – uma relação estética autoficcional específica que, em Eça, concretiza-se ficcionalmente pela concepção às avessas do fenômeno de criação literária, em que se tem um autor-criador. A materialização dessa temática estética ocorre mediante a criação ficcional de autores, sejam de sucesso, como em Fradique; sejam incipientes e inacabados, como em Ega ou Carlos. Esse fenômeno diz muito sobre a função sociocrítica do autor, bem como contempla seu viés lúdico, permitindo a hipérbole caricatural de tais criaturas-autoras dialogarem em instância homonímias – caso de Ega – ou heterônimas²⁵ – caso de Fradique – com seu criador-autor.

Por outro lado, em “Os Maias”, Ega enquanto criatura autora crítica almeja a realização de uma obra de título já escolhido **Memórias de um Átomo** que escandalizasse a sociedade burguesa e antes de acabada assim já o fazia:

²⁵ O fenômeno de heteronímia se configura como “a criação de um nome ficcional que se relaciona a um indivíduo com referências e biografia ficcionais” (CAMARGO 2018a: 205), caso de Fradique.

O livro do Ega! Fora em Coimbra, nos dois últimos anos, que ele começara a falar do seu livro, contando o plano, soltando títulos de capítulos, citando pelos cafés frases de grande sonoridade. E entre os amigos do Ega discutia-se já o livro do Ega como devendo iniciar, pela forma e pela ideia, uma evolução literária. (QUEIRÓS 2009: 87)

Porém, haveria de ser uma obra inacabada, não publicada, dialogando com o ócio e acomodação da própria sociedade que a personagem critica, sumarizando-se também decadente:

– Tinha-me esquecido dizer-te, vou publicar o meu livro! – O quê? Está pronto? Exclamou Carlos, espantado. – Está esboçado, à brocha larga... [...] – Então, parece-te apresentável?... – Vais publicar? – Não, mas enfim.... – e ficou nesta reticência (QUEIRÓS 2009: 83; 99)

Carlos, também enquanto personagem decadente – devido ao adultério, ao incesto e ao fato de ter sido responsável pelo infarto do avô – também se compara a Ega enquanto um escritor decadente, uma vez que escrevia à *Gazeta Médica*²⁶, mas idealizava a realização de uma grande obra, e assim como Ega, não a concretiza:

Carlos já falava a sério da sua carreira. Escrevera, com laboriosos requintes de estilista, dois artigos para a *Gazeta Médica*, e pensava em fazer um livro de ideias gerais que se devia chamar *Medicina Antiga e Moderna* (QUEIRÓS 2009: 83)

Ambas as personagens se comportam como criaturas autoras decadentes que, inclusive, tinham planos de escrituras conjuntas:

[...] a criação de uma revista, que dirigisse o gosto, pesasse na política, regulasse a sociedade, fosse a força pensante de Lisboa... Era porém inútil lembrar ao Ega este belo plano. Abria um olho vago, respondia: – Ah, a revista... Sim, está claro, pensar nisso! Havemos de falar, eu aparecerei... Mas não aparecia (QUEIRÓS 2009: 96)

A ociosidade das personagens quanto ao trabalho e à produção dialoga com a própria crítica de Ega quanto à ociosidade de Portugal, “choldra ignóbil” (QUEIRÓS 2009: 67) onde “tudo vem nos caixotes pelo pacote” (QUEIRÓS 2009: 83) logo, a própria caracterização das personagens enquanto criaturas autoras incipientes é relevante para a temática de decadência de forma ampla e alegórica para com Portugal – para além da decadência do âmbito familiar, o que dialoga com a análise alegórica de Vieira (2013).

Quanto às demais nomeações enquanto agentes do trágico e decadente resta focalizar a primeira geração: Afonso da Maia é o primeiro Maia a qual o leitor é apresentado: “velho mais idoso que o século” (QUEIRÓS, 2009: 6) “[...] lembrava, como

²⁶ Periódico relevante presente na sociedade lisboeta oitocentista.

dizia Carlos, um **varão esforçado** das idades heroicas um D. Duarte de Menezes ou um **Afonso** de Albuquerque” (QUEIRÓS 2009: 10). As referências antroponímicas relacionadas a um conde africano e um imperador português confirmam a crença de Carlos com relação ao caráter superior do avô, relacionando-o, por sua vez, a tais personalidades. Com a homoníma de prenomes em “Afonso da Maia” e “Afonso de Albuquerque” dá-se origem à crença irracional de que o nome próprio “[...] poderá exercer influência na pessoa [ou personagem] que o traz” (GUÉRIOS 1973: 20), que se perpetua na nomeação das personagens. Está-se, portanto, novamente diante da Onomatômica atrelada ao fenômeno da homonímia enquanto possibilidade de herança nobre e intelectual – também atestado em “Os Buddenbrook” com relação à Antonie.

Já o fenômeno de nomes semelhantes, como em Maria **Eduarda** e Carlos **Eduardo** pressagia os laços hereditários dos indivíduos. Ainda que Maria Eduarda Mac-Gren, assim apresentada no início da narrativa, não carregasse o nome de família **Maia** de Carlos, devido tê-lo recebido do pai falecido de Rosa, sua filha, e ser conhecida socialmente por madame Gomes – por ser acompanhante de Castro Gomes em Lisboa – o presságio da união incestuosa é concretizado enquanto “[...] similitude de nomes [que] quem sabe não pressagiava a concordância de seus destinos” (QUEIRÓS 2009: 10); ironia do narrador que evidencia o destino trágico de ambos.

Retoma-se a Onomatômica, ainda neste viés irônico elaborado pelo narrador, na escolha de Maria Monforte – mãe da personagem Carlos Eduardo – pelo nome de seu filho. Motivada pelo desejo que aquele recém-nascido alcançasse um “destino de amores e façanhas” (QUEIRÓS, 2009: 30), Maria inspira-se em uma novela de cavalaria, cujo herói atingira tais objetivos. O momento da escolha do prenome de Carlos chancela a despersonalização do nome de família, pois Pedro da Maia, marido de Maria Monforte e pai da criança, tinha o desejo de chamá-la de Afonso, em homenagem ao avô – Afonso da Maia – o que é negado por Maria, configurando o desnodar hereditário, a não obrigação para com o coletivo e a despersonalização do nome de família, apesar de a criança ainda carregar o nome até sua morte.

A própria atitude de Carlos ao ter ciência da relação incestuosa com a irmã acentua a despersonalização do nome de família, uma vez que a personagem mantém consciente (QUEIRÓS 2009: 239) a relação incestuosa anteriormente inconsciente, comprovando sua decadência individual e rompimento ético para com a propagação genética, já que o incesto materializa, de outra maneira, a mesma degenerescência fisiológica perceptível

na elaboração de Hanno, por Mann (1975) enquanto sabedoria dionisíaca (NIETZSCHE 1992) que, por outro lado, vai contra a natureza humana e aniquila a progressão genética saudável; por fim, a predisposição ao adultério da personagem conota a falta de compromisso desta com a propagação do nome de família, também o despersonalizando.

Maria Eduarda **Mac-Gren**, Maria Eduarda **Gomes**, Maria Eduarda **Trelain** em sua tripla referenciação quanto ao nome de família corrobora o fenômeno de despersonalização do nome de família quando, tendo ciência de sua origem – é uma Maia – não oficializa tal nome de família socialmente. Ao ser informado do casamento da irmã, Carlos se tranquiliza, uma vez que estaria apagada a tragédia do incesto pela contração de novo nome de família:

Um efeito de conclusão, de absoluto remate. É como se ela morresse, morrendo com ela todo o passado, e agora renascesse sob outra forma. Já não é Maria Eduarda. É Madame de Trelain, uma senhora francesa. Sob este nome, tudo o que houve fica sumido, enterrado a mil braças, findo para sempre, sem mesmo deixar memória... (QUEIRÓS 2009: 279-280)

Esta passagem do romance de Eça retoma a questão do silenciamento de um fato social e histórico (RABANT 1993), que se faz permissivo graças à nulidade de um nome, no caso em questão, de um nome próprio coletivo: o nome de família.

Não há, pois, livro genealógico, enquanto força centrípeta de presságios da decadência presente em “Os Buddenbrook”, em “Os Maias”, porém ecoam-se presságios que também se associam a fenômenos onomínicos. Presentes desde a lógica de nomes compostos dos irmãos que se tornam amantes inicialmente por ignorância: Maria **Eduarda**, Carlos **Eduardo**, até de prenomes homônimos indicativos de linhagem nobre e reflexo comportamental, como ocorre em **Afonso** de Albuquerque e **Afonso** da Maia, a homonímia em “Os Maias” se configura enquanto presságio do trágico, como a ideia de predestino – em sua mais clássica concepção, na qual forças externas agem sobre o comportamento já decadente das personagens.

5 Considerações Finais

Os fenômenos antroponímicos detalhados anteriormente dos quais se sobressaem a homonímia como materialização de duplos são concretizadores da decadência em ambas as narrativas – configurando ironia e pessimismos necessários para representar o viés heterogêneo autoficcional de ambos os autores: Em Mann, o desequilíbrio distendido

entre o homem (espírito) e seu papel burguês (SOUZA 2015), e, em Eça, a criatura autora, ambígua e decadente.

Ademais, representando a estética da decadência de forma quase simétrica, ambas as narrativas utilizam-se do presságio e da influência genético-comportamental para representar a relação conflituosa das gerações mais recentes com seus antepassados e a tragédia da não propagação do nome de família, porém, a presença clássica da tragédia em “Os Maias” faz-se explícita pelo incesto, obscurecendo a verdadeira tragédia socio-moderna: a não continuidade do nome de família, ilustrada pelo mascaramento onomínico da personagem **Madame Trelain** e pelo implícito isolamento afetivo de Carlos Eduardo **da Maia**.

Em “Os Buddenbrook”, a tragédia moderna da não continuidade se sobressai, encontrando em Thomas um conflito existencial culminante na despersonalização do nome de família; logo, na negação lúdica para a continuidade do nome de família, possibilidade única presente no pequeno e último Johann, Hanno – apelido sumarizador da sua verdadeira essência doce e contrastante ao seu nome oficial. Hanno centraliza o ápice dos conflitos existenciais familiares anteriores e se faz terreno simbólico para representação do desequilíbrio de uma descendência sempre formada por duplos onomínicos e genéticos antitéticos, desfazendo-se em uma quarta e última geração – pressagiada pela assinatura fatídica de Hanno na lista onomástico-cronológica da família – enquanto representação da relação insuportável entre arte e burguesia.

Ambos os enredos dialogam, pois, em seus devidos desfechos, com o fenômeno onomínico a que chamamos de desparto social do nome de família, o qual, agindo em prol do apagamento do nome de família e obscurecimento social de relações hereditárias reflete um silenciamento de tragédias familiares.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa: revista de linguística*, v. 55, n. 2, 63-82, 2011.
- ARIÈS, Philippe. Gerações. *Enciclopédia Einaundi*, vida/morte, tradições/gerações. Lisboa, Imprensa Nacional, 1997.
- AUSTIN, John Langshaw. *Other Minds. Philosophical Papers*. ["Outras Mentres". *Os Pensadores*]. Traduzido por Marcelo Guimarães da Silva Lima. São Paulo, Nova Cultural, 21-47, 1989.
- BOURA, Ana Isabel Gouveia. *Espaço e decadência no romance Buddenbrooks de Thomas Mann*. [Tese de doutorado]. FLUP/UP, Porto, 2005.

- BOSZORMENYI-NAGY, Ivan. SPARK, Geraldine, M. *Le altadês invisibles*. Buenos Aires, Amorrortu, 1983.
- BREMER, Donatella. Onomástica i cultura. Els noms en la vida quotidiana. In: *Actes del XXIV Congrés Internacional d'ICOS sobre Ciències Onomàstiques*. Annex Secció 9, 109-113, 2014.
- CAMARGO, Amanda Kristensen de. Pseudônimos e heterônimos na esfera jornalística contemporânea. *Temática*, v. 14, n. 10, 203-218, 2018a.
- CAMARGO, Amanda Kristensen de. Nomes próprios no romance contemporâneo *O Berro do Cordeiro em nova York: um estudo onomástico exploratório*. [Dissertação de Mestrado]. PPGL/UNIOESTE, Cascavel, 2018b.
- CAMARGO, Amanda Kristensen de. Onomástica Ficcional. *Revista GTLex*, v. 3, n. 1, 1-13, 2020.
- CARSTENSEN, Richard: *Kommentar zu Thomas Manns 'Buddenbrooks'* Lübeck, Werkstätten-Verlag, 1986.
- COUTINHO, Paulo David dos Santos. Eça de Queirós e a questão judia. *História das Ideias*, v. 32, n. 2, 367-407, 2017.
- DEBUS, Friedrich. *Namen in literarischen Werken*. (Er-)Findung - Form - Funktion, Stuttgart, 2002.
- ECKERT, Kleber; RÖHRIG, Maiquel. Antroponímia ficcional: o caso de Ubirajara, de José de Alencar. *Revista GTLex*, v. 2, n. 1, 170-189, 2016.
- ECKERT, Kleber; RÖHRIG, Maiquel. Onomástica literária em Graciliano Ramos: os nomes dos personagens de *Vidas Secas* e de *São Bernardo*. *Revista de Estudos da Linguagem*. 26 (3), 2018, 1277-1294.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução de Polla Civelli. São Paulo, Perspectiva, 1994.
- FREUD, Sigmund Schlomo. Para além do princípio de prazer. (1920) In: HANNIS, Luiz Alberto. (Org). *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (1915 – 1920). Tradução de Luiz Alberto Hannis (Org.). Rio de Janeiro, Imago, 2006.
- GUÉRIOS, João Farani Mansur Guérios. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo, Ave Maria, 1973.
- HOEVEL, Carlos. Mann's *Buddenbrooks*, Adorno's & Horkheimer's *Odysseus* and the Tragedy of Business Leadership. In: GHÊSQUIERE, Rita; IMS, Knut Johannessen. *Heroes and anti-heroes – European literatura and the ethics of leadership*. Garant, 2010.
- KAYSER, Herr Christoph. Some Observations on Thomas Mann's Use of Names in "Buddenbrooks". *Literary Onomastics Studies*: 2, Article 9, 1975.
- KIND, Anette. *Eça de Queirós auf der „Insel der Seligen“: das Werk des portugiesischen Romanciers im Ostberliner Aufbau-Verlag*. [Tese de Doutorado]. FLUP/UP, 2018.
- KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 10, n. 12, 11-31, 2008.
- KOOPMANN, Helmut. *Thomas Mann. Buddenbrooks*, Frankfurt/M., Diesterweg, 1995.
- LAGO, Sylvio. *Eça de Queirós. Ensaios e Estudos*. São Paulo, Biblioteca24horas, 2010.
- LANGENDONCK, Willy Van. *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin, Mouton de Gruyter, 2007.
- LUKÁCS, Georg. *Ensaios sobre Literatura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- MANN, Thomas. *Buddenbrooks: Verfall Einer Familie*. Frankfurt am Main, S Fischer Verlag, 1945.
- MANN, Thomas. *Os Buddenbrook: decadência duma família*. São Paulo, Círculo do Livro, 1975.
- MANN, Thomas. *Thomas Mann - Heinrich Mann. Briefwechsel 1900-1949*, hrsg. von Hans Wysling, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1995.

- MINCHIN, Carolina Ribeiro. *Equivalência é tudo igual? Reconsideração da Equivalência de Koller à luz da tradução das cores e Buddenbrooks, de Thomas Mann*. [Dissertação de Mestrado]. FFLCH-USP, São Paulo, 2019.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo. Os nomes de família em Portugal: uma perspectiva histórica. In: *Etnográfica*, v. 12, n. 1, 45-58, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro, Best Bolso, 2010.
- PEDRASSANI, Julia Sonaglio; ECKERT, Kleber; RÖHRIG; Miquel. Onomástica literária. In: *Revista GTLex*, v. 3, n. 2, 294-312, 2020.
- QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. São Paulo, Escala, 2009.
- RABANT, Claude. *Inventar lo real*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1993
- RABINOVICH, Elaine Pedreira et. al. *Nomes de família: nomeação, pertencimento, identidade*. Salvador, USCAL – FABEP, 2011.
- REMAK, Henry Heymann Herman. Comparative Literature, its definition and function. In: STALLKNECHT, Newton P.; FRENZ, Hertz (ed.). *Comparative Literature: Method and Perspective*. Illinois, Southern Illinois University Press, 1971.
- RODRIGUES, Menaldo Augusto da Silva. *A representação do tempo no romance “Der Zauberberg” de Thomas Mann*. [Dissertação de Mestrado]. FFLCH/USP. São Paulo, 2008.
- ROSENFELD, Anatol. *Thomas Mann*. São Paulo, Perspectiva, 1994.
- SCHRÖTER, Klaus. *Thomas Mann in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten, Reinbek bei Hamburg*, Rowohlt, 1964.
- SEIDE, Márcia Sipavicius. Métodos de pesquisa em Antroponomástica. In: *Domínios de Linguagem*, v. 10, n. 3, 2016.
- SEIDE, Márcia Sipavicius. Deslocamentos identitários e nomeação no romance *CircleofAmber*. *Caderno Seminal Digital*, v. 32, n. 32, 2018.
- SOUZA, José Carlos Siqueira de. *O romance-ensaio em Eça de Queirós: estudo crítico sobre A ilustre casa de Ramires e As cidades e as serras*. [Tese de Doutorado]. FFLCH-USP. São Paulo, 2011.
- SOUZA, Gustavo Ramos de. A fortuna crítica de Thomas Mann no Brasil. Carpeaux e Rosenfeld. *Em Tese*, v. 21, n. 1, 2015.
- STROSCHEIN, Dirk. 1991: Direito iguais de sobrenome na Alemanha. DW, s.d. <https://www.dw.com/pt-br/1991-direitos-iguais-de-sobrenome-na-alemanha/a-466251>. (30/03/2020).
- VASCONCELOS, José Leite de. Opúsculos. *Onomatologia*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931.
- VIEIRA, Estela. Interiors and Narrative. *The Spatial Poetics of Machado de Assis, Eça de Queirós, and Leopoldo Alas*. Maryland, Bucknell University Pres, 2013.

Recebido em 22 de maio de 2020

Aceito em 6 de julho de 2020